

# INDÚSTRIA A PLENA FORÇA

**Brasil registra o melhor PIB da história no primeiro trimestre e indústria automotiva comemora crescimento visando ser o quarto maior parque produtivo do mundo**

**N**a ascensão do PIB brasileiro, o setor automotivo está pisando fundo no acelerador. Com um crescimento de 19,1% na produção do primeiro semestre deste ano, registrou o melhor resultado setorial entre todos os apurados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Se seguir nesse ritmo, até o final do ano o Brasil ultrapassará a Alemanha na produção de veículos e consolidar-se como o quarto maior fabricante do mundo. Esse movimento fez o número de contratações disparar. Nesse quadro, um dos maiores destaques é a Fiat. “Os dados positivos da economia fizeram a empresa contratar cerca de mil pessoas neste semestre, um volume recorde que adequou a nossa produção à demanda crescente”, afirma o empresário Cledorvino Belini, presidente da Fiat no Brasil. “Nossa expectativa é aumentar a produção em até 8% até o fim do ano e, consequentemente, ampliar nosso quadro de colaboradores.”

De janeiro a maio de 2010, a Fiat teve um crescimento de 6,8% no mercado brasileiro, com o em-

placamento de 300.049 automóveis e veículos comerciais leves. O lançamento do novo Uno foi um dos motivadores do bom resultado da empresa, que mantém dois modelos entre os quatro mais vendidos do Brasil (Uno, em segundo, e Palio, em quarto). “Temos que estimular o crescimento sustentado, o aumento da produção, o consumo, a renda e a inclusão de novos consumidores no mercado”, completa Belini mostrando entusiasmo do novo contingente de consumidores que visam cada vez mais conforto e segurança, aproveitando as condições facilitadas de compra. “A obtenção de crédito é um nítido fator que tem estimulado muito esse comportamento, com prazos e taxas de juros que permitem ao consumidor planejar a compra de acordo com o orçamento, optando por um modelo mais equipado ou de segmento superior.” A empresa está em processo de captação de R\$ 5 bilhões da matriz para o desenvolvimento de tecnologia e produtos e na conclusão dos projetos de ampliação da capacidade produtiva na fábrica em Betim (MG), que deve ocorrer durante os próximos três anos.

Cerca de mil pessoas foram contratadas pela Fiat no primeiro semestre, com expectativa de fabricação de quase 1 milhão de automóveis até dezembro



Cledorvino Belini, presidente da Fiat, acredita em um crescimento de 8% nas vendas da empresa para 2010



"A obtenção de crédito é o fator principal de estímulo para o aumento das vendas de automóveis", diz Cleodorvino Belini, presidente da Fiat

**Das 27 atividades econômicas pesquisadas pelo IBGE para definir o PIB, 24 tiveram resultado positivo, com destaque para a produção de veículos**

A alta de 38% registrada no primeiro trimestre do ano foi reajustada devido à queda de 5% na fabricação, ante o mês anterior. Mesmo assim, o crescimento de 19,1% é o melhor da história. A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores divulgou que foram fabricadas 1,753 milhão de unidades nos primeiros seis meses de 2010, com os dados que englobam automóveis, comerciais leves, ônibus e caminhões.

O crescimento do PIB veio no momento em que analistas preveem um incremento no setor que possibilita o Brasil ser, no fim de 2010, o quarto principal país em vendas, ultrapassando a Alemanha, o que ocorrerá já no primeiro trimestre. Com alta de 16,83% no período, o mercado brasileiro ficou atrás somente

da China (82,6%), Estados Unidos (15,68%) e Japão (22,13%). Alemanha e Rússia foram os dois piores resultados, com quedas de 21,66% e 24,93%, respectivamente.

Em 2009, o Brasil vendeu 3,1 milhões de carros e a Alemanha, 4 milhões. Para os institutos de pesquisa J.D. Power e IHS Global Insight, o acesso ao crédito aumentou o número de compradores potenciais em mais de 50% no Brasil. "O Brasil é um mercado emergente, jovem, e a Alemanha é um mercado mais maduro", comenta Jeff Schuster, diretor executivo da empresa. Neste ano, os números devem se inverter e, enquanto o país europeu deve registrar 3 milhões de vendas, o Brasil subirá para 3,4 milhões.

Ninguém poderia imaginar que a crise que atingiu os Estados Unidos

e Europa não teria reflexo no Produto Interno Bruto do primeiro trimestre do ano. De acordo com o IBGE, o PIB apresentou incremento de 9% com relação ao mesmo período do ano passado, registrando R\$ 826,4 bilhões. O resultado é o maior desde que foi iniciada a pesquisa, em 1995, vencendo a subida de 7,5% que ocorrera no segundo trimestre de 2004. A comparação com o mercado chinês é inevitável, já que o Brasil só ficou atrás da nação asiática, que cresceu 11,9% nos três primeiros meses de 2010.

A alta registrada por aqui foi embasada pela melhora em diversos setores. A indústria foi a que mais se recuperou, com alta de 14,6%, seguida do consumo das famílias (9,3%), serviços (5,9%) e da agropecuária (5,1%). A demanda por máquinas e equipamentos teve incremento de 7,2%. Já o setor de serviços comemorou o aumento da despesa de consumo das famílias, registrando a 26ª alta consecutiva. "O crescimento de poder aquisitivo das classes B e C nos beneficia diretamente, já que ter um plano de saúde é um sonho de consumo do público emergente", comemora o presidente da Amil, Edson de Godoy Bueno.

O alívio da crise internacional foi um dos fatores preponderantes para a reanimação do mercado interno. "Não foram apenas os incentivos do governo que ajudaram no bom desempenho do PIB, mas a melhora do cenário externo pós-crise das hipotecas, a redução dos impostos (flexibilização da política fiscal), a redução dos compulsórios e a ação dos bancos públicos na crise (política monetária) contribuíram para esse cresci-

mento", diz o economista Miguel Oliveira, da Associação Nacional dos Executivos de Finanças.

A previsão geral é otimista com relação ao valor final do PIB de 2010. "Acredito em um crescimento de 6,5%", arrisca Alcides Leite, professor de economia da Trevisan Escola de Negócios. "A economia interna está crescendo bastante e as exportações aumentam devido ao crescimento das economias sul-americana e chinesa". O professor, porém, prefere um prognóstico mais conservador de crescimento em relação aos próximos anos. "O crescimento acima de 6% em 2010 já ocorre devido à comparação com o ano de 2009, que foi muito ruim. Para os próximos anos é impossível crescer acima de 5% se não aumentar a taxa de investimento da economia, que hoje está em torno de 18% do PIB." Para

**"A melhora do cenário externo, a redução dos impostos, dos compulsórios e a ação dos bancos públicos contribuíram para esse crescimento", diz o economista Miguel Oliveira**



Resultado positivo na fabricação de veículos na Fiat resulta cerca de mil novas contratações nos primeiros seis meses do ano



Economista Miguel de Oliveira credita os incentivos do governo e a melhora do cenário externo pós-crise no positivo resultado do PIB

## O Brasil ultrapassou a Alemanha e se tornou o quarto maior produtor de automóveis, atrás de China, Estados Unidos e Japão

ele, seriam necessários 25% do PIB em investimentos para sustentar um crescimento acima de 5%. “Só dessa forma não geraríamos inflação e nem teríamos a necessidade de aumentar a taxa de juros”, completou.

Das 27 atividades econômicas pesquisadas, 24 se mostraram positivas. “Este ano está bem mais aquecido. Houve um freio no fim de 2008, início de 2009. Porém, em 2010, as expectativas são favoráveis, com investimentos acima dos números da economia. As empresas estão mais amadurecidas, deixando os riscos minimizados”, explica Hugo Marques da Rosa, presidente do grupo Método, especializado em engenharia e construção. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) também acredita em um crescimento do PIB na faixa de 6,5% em 2010. O diretor de Estudos Macroeconômicos do Ipea, João Sicsú, prevê que o Brasil está con-

seguindo separar muito bem a crise europeia do desenvolvimento interno. “O Brasil tem mercado doméstico forte e o nosso sistema financeiro não se expôs a risco com papéis tóxicos”, diz Sicsú. “Existe uma onda empresarial otimista porque o governo conduz a economia de uma forma que não gera incertezas ao setor privado.”

Para as autoridades econômicas, o crescimento não é sinônimo de superaquecimento. O ministro da Fazenda, Guido Mantega, posicionou-se na linha de frente entre os que visualizam um crescimento do PIB na faixa dos 6,5%. “O crescimento no ano vai ficar alto, mas a taxa já está decrescente. Temos a volta dos impostos, que vai fazer a demanda cair, a volta do compulsório e a taxa de juros, que já subiu 0,75%, a maior alta de todos os países”, justifica. “Além disso, tivemos o corte de 10 bilhões de reais nos gastos do governo.” ■

# ANÚNCIO